



## **ALGUNS REFERENCIAIS PARA PENSAR UM “PROGRAMA MÍNIMO” PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O CASO DO INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA – CAMPUS SANTO AUGUSTO**

**Luciano de Almeida<sup>1</sup>, Paulo Evaldo Fensterseifer<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Doutorando em Educação nas Ciências - Unijuí. Professor de Educação Física do Instituto Federal Farroupilha – campus Santo Augusto. E-mail: lucianoedf@sa.iffarroupilha.edu.br

<sup>2</sup>Doutor em Filosofia da Educação – Unicamp. Professor do Departamento de Pedagogia Unijuí. E-mail: fenster@unijui.edu.br

**Resumo:** O objetivo deste artigo é refletir acerca dos limites e possibilidades da construção e “implementação” de uma proposta de trabalho ou “programa mínimo” para a Educação Física no Instituto Federal Farroupilha – campus Santo Augusto. Essa proposta busca auxiliar no processo de consolidação e legitimação da área, para além de um simples “exercitar-se”, vislumbrando a construção de um saber a ser desenvolvido ao longo dos anos escolares em termos de criticidade, complexidade e continuidade. Essa experiência acontece no diálogo constante e sempre renovado com nossa ação educativa, outros professores e as obras que tratam sobre o tema. A construção dessa proposta nos permite (re)construir e reinventar nossa profissão com autoria, “experenciando” as possibilidades de encontrar algumas respostas para os desafios que hoje se colocam para a Educação Física, através de nossa ação interventiva e reflexiva.

**Palavras-chave:** contexto escolar, educação física, proposta de trabalho

### **1. INTRODUÇÃO**

A Educação Física, durante sua constituição enquanto área do conhecimento, privilegiou a vivência de movimentos ou práticas corporais no plano de atividades. A crítica a essa tradição, porém, enfatizou a necessidade de uma elaboração conceitual acerca das vivências de movimento, o que nos coloca em risco de promovermos uma inversão, valorando o lado conceitual em detrimento das vivências.

Uma alternativa possível para enfrentarmos esse processo de “reaprender a ver a Educação Física” pode estar na construção de um “programa mínimo” (KUNZ, 2000, p. 150), que nos permita “pensar um saber que se desenvolve ao longo dos anos escolares em complexidade e criticidade” (FENSTERSEIFER; GONZÁLEZ, 2010, p. 13).

Nesse sentido, apresentamos alguns referenciais para a construção e reconstrução permanente de uma proposta de trabalho, “Programa Mínimo” ou Mapa de Trabalho, como temos chamado, no Instituto Federal Farroupilha – campus Santo Augusto. Essa experiência nos permite encontrar os limites de nossa própria intervenção e, ao mesmo tempo, vislumbrar as possibilidades de justificá-lo no contexto escolar, uma vez que a solução para os problemas depende dos envolvidos, como lembra Hannah Arendt (2002). Além disso, não podemos ser espectadores ou “aplicadores” de soluções pensadas por outros, temos que ser os protagonistas para que as mudanças de sentido aconteçam no contexto em que atuamos. Como professores não podemos simplesmente aplicar “teoria” na “prática” e, sim, (re)construir/(re)inventar nossa prática “com referência em ações/experiências e em reflexões/teorias. É fundamental que essa apropriação de teorias se dê de forma autônoma e crítica, portanto, como ação de um sujeito, de um autor” (BRACHT; CAPARROZ, 2007, p. 27).

### **2. MATERIAL E MÉTODOS**

Na construção de “nossa” proposta de trabalho<sup>1</sup>, temos feito um esforço de pensar a Educação Física como componente curricular articulado a um projeto educacional, pautado na ideia de “leitura

---

<sup>1</sup> Pontuaremos algumas questões que achamos interessantes para a presente discussão, trazendo os elementos constitutivos dessa proposta de trabalho e ainda algumas experiências com sua implementação, que vão



do mundo” (FENSTERSEIFER; GONZÁLEZ, 2010, p. 12). Essa construção foi possibilitada a partir das obras e concepções de diferentes autores que tratam sobre as especificidades da Educação Física, Escola, contexto escolar, experiência, hermenêutica..., contribuindo, dessa forma, para sua elaboração. Entendemos que “um” dos principais objetivos da Educação Física, é o de *oportunizar aos alunos a apropriação das diferentes manifestações da cultura corporal de movimento em benefício da construção de um corpo de conhecimentos que possam auxiliá-los a praticar, analisar, compreender, de maneira crítica e sensível, os temas/conteúdos produzidos e incorporados pela Educação Física ao longo de sua história em benefício de sua constituição enquanto sujeitos, de intervenção no mundo comum, buscando construir as condições de vida desejáveis*. Como alcançar esse objetivo tão amplo, ao longo dos anos escolares, ao reduzir nossas aulas ao plano de atividades, com um fim em si mesmas?

Na tentativa de esboçar um entendimento sobre essa questão, estabelecemos alguns critérios para selecionar os temas/conteúdos historicamente incorporados pela Educação Física como referência para consolidar nosso trabalho, no intuito de justificar nossa intervenção na escola. Tradicionalmente o esporte é um dos, senão o único, tema abordado nas aulas de Educação Física na escola, a ponto de ser confundido com a própria Educação Física<sup>2</sup>.

Não estamos advogando contra o esporte, mas considerando as possibilidades de tratá-lo pedagogicamente na Educação Física, para além de uma monocultura (principalmente futebolística) de esporte, e, ainda, vendo-o como “um” dos temas/conteúdos da Educação Física escolar, mas não o único. Se não oportunizarmos aos alunos a “chance de experimentar boa parte do leque de possibilidades de movimento sistematizadas pelos seres humanos ao longo de vários anos”, eles estarão perdendo “parte do acervo cultural da humanidade e uma possibilidade singular de perceber o mundo e de perceber-se” (FENSTERSEIFER; GONZÁLEZ, 2010, p. 17).

É nesse sentido que entendemos ser necessário abordar a pluralidade de manifestações de movimento/práticas corporais na Educação Física na escola. Como ponto de partida, adotamos uma classificação, proposta por González (2003; 2006), para construir o nosso “programa mínimo” para a Educação Física e ampliar o espectro do conteúdo “esporte”. Essa classificação nos auxilia a pensar nas diferentes demandas exigidas em cada modalidade esportiva, além de permitir localizar os diferentes tipos de esportes, pois se estabelece em função de quatro categorias: “a) a relação com o adversário; b) a lógica de comparação de desempenho; c) as possibilidades de cooperação; e d) as características do ambiente físico onde se realiza a prática esportiva”.

Com base em González (2003; 2006) e em diferentes obras/autores que discutem as especificidades da Educação Física, dentre os quais destacamos Betti (1994, 1996), Bracht (2003), Coletivo de Autores (1992) e os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998)<sup>3</sup>, elaboramos uma proposta de intervenção por nós denominada de “Mapa de Trabalho”.

---

desde sua apresentação aos alunos até o planejamento participativo (escolha dos “conteúdos”), dentro dos temas propostos.

<sup>2</sup> Em diagnóstico realizado no primeiro dia de aula, com os alunos do 1º ano, percebemos em suas falas que a grande maioria, durante todo ensino fundamental, teve um contato com uma ou duas modalidades esportivas (futsal e voleibol), nos limites de uma compreensão prévia de algumas regras.

<sup>3</sup> Cabe destacar que essas referências foram utilizadas na construção da “primeira” versão da proposta de trabalho (2008) e, depois, que outras foram incorporadas para tomar lugar no “diálogo” com nossa intervenção, dentre as quais destacamos: Kunz (2000, 2001) e Fensterseifer e González (2007, 2009, 2010).

CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO															Atividade Física e Saúde	
Séries	Esportes						Jogos	Ginásticas			Atividades rítmicas e expressivas					
	Com interação			Sem interação				Geral	Acrobática	Aeróbica	Danças Regionais, étnicas	mímica	Jogos dramáticos			
	Lim asão	Campo e taco	Rele/quedra dividida ou muro	Combate ou luta	De marca	Estético ou técnico combinatório								Precisão ou ab o		
1º																- Conhecimento sobre o corpo; - Padrões de estética, saúde; - gasto energético; - anabolizantes...
2º																
3º																

Figura 1 – Mapa de Trabalho

Esse “Mapa de Trabalho” contempla alguns “conteúdos”<sup>4</sup> que pensamos devam fazer parte de um programa de ensino para a Educação Física escolar, se entendermos que é de sua responsabilidade a tematização da cultura corporal de movimento<sup>5</sup>. Os conteúdos<sup>6</sup> a que nos referimos aparecem, nesse desenho, de maneira compartimentada e incompleta, tendo em vista que poderiam ser incluídos mais elementos nas categorias apresentadas. Mas é preciso explicitar que muitos desses conteúdos podem ser tratados de diferentes formas: o tema lutas pode fazer referência ao esporte institucionalizado, com regras específicas regulamentadas por federações e confederações, como é o caso do Judô, por exemplo. O mesmo tema pode também ser adotado para fazer referência a dois adversários que disputam a conquista da bola em um jogo de futsal, ou, ainda, um jogo de luta em que dois oponentes ou mais tentam sobrepujar seu(s) adversário(s) em uma queda-de-braço ou de cabo-de-guerra (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa proposta vem nos acompanhando e auxiliando a orientar nossa ação interventiva no decorrer desses anos, nos diferentes contextos em que atuamos. Chamamos a atenção para o fato de que esses conteúdos necessitam ser explicitados e reinventados a cada novo coletivo e em cada turma de alunos em que nos inserimos, para que compartilhem da construção de conceitos, “construção sempre ligada às experiências de que, em comum, participam” (MARQUES, 1992, p. 562).

<sup>4</sup> Na tentativa de esclarecer o conceito, Darido (2001, p. 5), com base em Coll e outros define conteúdo como “uma seleção de formas ou saberes culturais, conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores, crenças, sentimentos, atitudes, interesses, modelos de conduta, etc., cuja assimilação é considerada essencial para que se produza um desenvolvimento e uma socialização adequada ao aluno”.

<sup>5</sup> De acordo com Bracht (2004, p. 4), as manifestações da cultura corporal de movimento “significam (no sentido de conferir significado) historicamente a corporeidade e a movimentalidade - são expressões concretas, históricas, modos de viver, de experimentar, de entender o corpo e o movimento e as nossas relações com o contexto - nós construímos, conformamos, confirmamos e reformamos sentidos e significados nas práticas corporais”.

<sup>6</sup> Entendemos que o saber escolar materializa-se nos “conteúdos”, na contribuição das especificidades de cada componente curricular (muitas vezes integrada de forma interdisciplinar), pois, de acordo com Sacristán (2000), sem conteúdo “não há ensino, qualquer projeto educativo acaba se concretizando na aspiração de conseguir alguns efeitos nos sujeitos que se educam. Referindo-se estas afirmações ao tratamento científico do ensino, pode-se dizer que sem formalizar os problemas relativos aos conteúdos não existe discurso rigoroso nem científico sobre o ensino, porque estaríamos falando de uma atividade vazia ou com significado à margem do para que serve” (p. 120).



A cada nova turma em que nossa proposta é apresentada, experienciamos uma relação de tensão permanente, nem sempre previsível (ou quase sempre imprevisível), não definida *a priori*, mas aberta ao diálogo, no qual se dá sempre, de novo, uma nova experiência com a construção de conceitos, a reconstrução do imaginário acerca da Educação Física e a escolha dos elementos da cultura corporal de movimento que farão parte de sua aprendizagem durante um ano letivo. Não há como pensar uma mesma aula para ser “aplicada” a várias turmas e contextos diferentes, isso seria desconsiderar a condição humana de nossos alunos, que “impõe um caráter irrestritamente singular às nossas aulas” (BRACHT; CAPARROZ, 2007, p. 29).

Ao tratarmos dos diferentes temas/conteúdos que compõem o universo do movimento humano/práticas corporais a serem tematizadas/vivenciadas durante o ano letivo, encontramos certo comportamento de oposição de nossos alunos a uma nova proposição, pois suas experiências/vivências de movimento em seus anos de escolarização resumiam-se à prática de algumas atividades esportivas.

Esse comportamento de oposição é resolvido no diálogo, pelo qual nos vemos (educando e educador), “desafiados a reconsiderar nossas próprias convicções e supostas certezas” (FLICKINGER, 2010, p. 43). Essa experiência do diálogo pressupõe um espaço único em que “pode se dar o convencimento necessário a respeito dos conteúdos da aprendizagem, e o aluno pode realizar sua experiência” (HERMANN, 2002, p. 85). Esse convencimento passa por uma ruptura paradigmática com a tradição esportiva da Educação Física, pois “tratamos de uma dimensão [mais ampla] da cultura e que temos uma responsabilidade com o conhecimento produzido em torno dela, algo, portanto que vai muito além do ‘exercitar-se’” (FENSTERSEIFER; GONZÁLEZ, 2010, p. 12).

O comportamento de oposição, referido anteriormente, encontra-se expresso na fala de Gabriel<sup>7</sup>, em uma aula de Educação Física em que a proposta foi apresentada: “O que queremos com isso professor? Vamos jogar bola!”. A apresentação se dá na forma de diálogo aberto, quando acontece a tentativa de convencimento quanto às possibilidades de nos apropriarmos de um universo mais amplo, das diferentes manifestações de movimento/práticas corporais com a intencionalidade de atingir alguns propósitos da instituição escolar e da própria Educação Física. Em avaliação realizada no final desse mesmo ano (2010), sobre os aspectos positivos e negativos de nossa proposta de trabalho, o mesmo aluno escreve: “é uma pena que não conseguimos fazer todas as atividades. Espero aprender coisas novas no próximo ano”.

A partir dessa e de outras experiências que temos realizado em diferentes contextos, podemos dizer que estamos conseguindo abordar diferentes elementos da cultura (corporal de movimento), para além das atividades esportivas, como mera reprodução irrefletida de um “fazer”, atendendo ao disposto de que, na recente tradição da Educação Física, fomos desafiados a construir um “saber” com esse “fazer”<sup>8</sup>. Porém, é preciso ter cuidado para elaborar um saber realmente articulado “com” esse fazer, pois, de outra forma, corremos o risco de cometer alguns equívocos e transformar a Educação Física em um discurso *sobre* a cultura corporal de movimento (BETTI, 1994), ou, ainda, como reafirma Bracht (2003), não podemos transformá-la num discurso *sobre* o movimento.

Não estamos negando a dimensão conceitual, que se articula com as dimensões procedimentais e atitudinais na Educação Física, mas propondo a valorização também da experiência e do saber da experiência como possibilidade de conhecer, fazer e conhecer com esse fazer. A experiência/vivência com o movimento humano/práticas corporais gera um tipo de conhecimento insubstituível, que não pode ser apenas descrito, mas provado (no sentido de experienciar), mesmo tendo consciência que, ao tematizá-los, se elabore um conhecimento conceitual, atendendo a um dos principais propósitos da educação escolar. Nas palavras de Fensterseifer e González (2010), isso significa

que os saberes produzidos pela experiência das manifestações corporais não podem ser substituídos pela reflexão conceitual sobre elas, da mesma forma que os

---

<sup>7</sup> Nome fictício de um aluno do 1º ano de um dos cursos técnicos integrados ao ensino médio de nossa Instituição no ano de 2010.

<sup>8</sup> Idem.



conhecimentos originados na vivência da prática não substituem as ferramentas cognitivas fornecidas pelos conceitos. Esses saberes se complementam e, por isso, exigem ser tratados de forma específica e articulados numa proposta de EF escolar (p. 17-18).

Acreditamos estar conseguindo articular, em nosso “Mapa de Trabalho”, pelo menos em parte, os saberes produzidos na/pela experiência de movimento/práticas corporais com a dimensão conceitual nas aulas de Educação Física.

A experiência proporcionada pela construção e reconstrução constantes de nosso “Mapa de Trabalho” ou “Programa Mínimo” para a Educação Física, nos possibilita ter um projeto “próprio” com autoria docente, que vai muito além de um plano de atividades esportivas e contribui para legitimar a Educação Física como componente curricular, juntamente com as demais disciplinas na instituição escolar. Várias experiências como a nossa têm sido realizadas, por professores e professoras de escolas públicas (FENSTERSEIFER; GONZÁLEZ, 2007), e discutidas no âmbito da Educação e da Educação Física (BRACHT; CAPARROZ, 2007), no intuito de contribuir para a consolidação de uma nova forma de pensar a Educação Física e suas contribuições específicas para atingir alguns dos propósitos da escola enquanto instituição republicana. É preciso salientar que essas experiências, materializadas em propostas para a Educação Física, necessitam encontrar mais espaços para a sua socialização (seminários, encontros, grupos de ação-reflexão-ação...) e, também, apoio pedagógico das instituições em que se realizam<sup>9</sup>.

## 6. CONCLUSÕES

Na constante reformulação de nosso Mapa de trabalho e/ou “programa mínimo”, estamos em um constante movimento de pensar o *sendo* da Educação Física no contexto escolar. Esse inacabamento nos oportuniza uma autoria docente e nos autoriza a experimentar/construir algumas respostas, sempre parciais, para os desafios que hoje se colocam para a Educação Física escolar, através de nossa ação interventiva e reflexiva.

Um desses desafios, como já mencionamos anteriormente, é o de nos entregarmos à experiência do diálogo como alguém que não sabe tudo. Essa postura dialógica nos compromete com o coletivo e nos conduz a respeitar e a reconhecer no outro<sup>10</sup>, no diferente de nós mesmos, “um horizonte inesgotável de sentido”, capaz de fazer-nos repensar nossas supostas certezas “como que um questionamento permanente que quer ser levado a sério, tanto em termos teóricos, quanto em termos práticos” (FLICKINGER, 2010, p. 43).

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. In: ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BETTI, Mauro. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. *Discorpo*, São Paulo, n.3, p.25-45, 1994.

\_\_\_\_\_. Por uma teoria da prática. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 73-127, 1996.

<sup>9</sup> A exemplo disso podemos citar nossa participação no “II Fórum Nacional de Políticas Públicas de Educação Física, Esporte e Lazer dos Institutos Federais”, realizado na cidade de Barbacena/MG (junho/2012), em que apresentamos um relato de experiência sobre os referenciais que utilizamos para pensar as aulas de Educação Física em nosso Instituto. Esse espaço de discussão nos proporcionou uma releitura de nossa realidade e as limitações de tratar o nosso “Mapa de Trabalho” articulado com a Educação Profissional.

<sup>10</sup> O outro aqui mencionado nem sempre é uma pessoa concreta (aluno ou professor), mas se materializa também nas obras humanas (textos), na linguagem, na história, na tradição.



BRACHT, Valter. *Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento?* Recife, fevereiro, 2004 (mimeo).

BRACHT, Valter; CAPARROZ, Francisco Eduardo. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, Soraya Cristina. Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. In: *Perspectivas em Educação Física Escolar*. Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), 2001. p. 5-25.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação física escolar: a difícil e incontornável relação teoria e prática. *Motrivivência*, Florianópolis, ano XIX, n. 28, p. 27-37, jul./2007.

\_\_\_\_\_. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da ef escolar I. *Cadernos de Formação RBCE*, p. 9-24, set. 2009.

\_\_\_\_\_. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da ef escolar II. *Cadernos de Formação RBCE*, p. 10-21, mar. 2010.

FLICKINGER, Hans-Georg. *A caminho de uma pedagogia hermenêutica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção Educação Contemporânea).

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. *A classificação dos esportes*. Texto de referência utilizado com os alunos de graduação do curso de Educação Física - Unijuí, 2003 (mimeo).

\_\_\_\_\_. Projeto Curricular em educação física: o esporte como conteúdo escolar. In: REZER, R. (Org.): *O fenômeno esportivo: ensaio crítico-reflexivos*. Chapecó: Argos, 2006. p. 69-109.

HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 4. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

MARQUES, Mario Osório. Os paradigmas da educação. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 73, n. 175, p. 547-565, set./dez. 1992.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: Artmed, 2000.